

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
THIAGO JHULHAN ESTAIDEL OLIVEIRA

ARQUITETURA NA PELE: CENTRO
DE TATUAGEM PARA A CIDADE DE CASCAVEL-PR

CASCAVEL
2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
THIAGO JHULHAN ESTAIDEL OLIVEIRA

**ARQUITETURA NA PELE: CENTRO DE TATUAGEM PARA A CIDADE DE
CASCABEL-PR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Defesa.

Professor Orientador Mestre: Heitor Othelo Jorge Filho

CASCABEL

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
THIAGO JHULHAN ESTAIDEL OLIVEIRA

ARQUITETURA NA PELE: ESTUDIO DE TATUAGEM PARA A CIDADE DE
CASCABEL-PR

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professor Arquiteto Heitor Othelo Jorge Filho.

BANCA EXAMINADORA

Arquiteto Orientador
Mestre Heitor Othelo Filho
Faculdade Assis Gurgacz
Professor Arquiteto Mestre

Arquiteta Orientadora
Esp. Daniele Brum
Faculdade Assis Gurgacz
Professora Arquiteta

Cascavel/PR, 22 de Maio de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Aos meus pais que sempre fizeram o possível para que esse sonho fosse possível.

Aos meus amigos, por suas varias participações durante esse período, em especial ao meu amigo e colega de classe Thiago Augusto Gregório. Obrigado pelo apoio e paciência em cada trabalho dessa graduação.

Ao meu professor e orientador Heitor Jorge por direcionar o assunto do tema de pesquisa.

Ao Ancôras Tattoo, por fornecer o local para análise de correlato e pelas informações fornecidas do funcionamento do dia-a-dia de um estúdio de tatuagem.

Neste momento concluo minha graduação com muito esforço e desafios superados, talvez não como esperados, já que levei 12 períodos, no qual o tempo comum de duração é apenas dez, acredito que isso não seja um grande problema...

“Pois um mago nunca se atrasa, nem se adianta, ele chega exatamente quando pretende chegar.” – Gandalf

RESUMO

A má disposição da cidade e a falência de espaços são fatores que reduzem a qualidade de vida das pessoas que nela habitam. Assim, é preciso se conscientizar de que o investimento em áreas públicas gera benefícios aos cidadãos. Uma cidade que não atenda à qualidade de projetos que deem suporte as finalidades artísticas ficará obsoleta. Portanto, esse trabalho se refere ao concebimento de um projeto arquitetônico do Centro de Tatuagens, integrando ao seu desenvolvimento estúdios de tatuagem e museu sobre assunto, tornando o local um espaço de interação e de cunho artística. Aqui, neste projeto, serão analisadas as problemáticas relacionadas ao tema da pesquisa. Após isso, serão levadas em consideração correlatos com a finalidade de assessorar no desenvolvimento do projeto, além da apresentação da proposta, tais como os fatores necessários e análise do terreno selecionado para uma edificação de tais características.

Palavras chave: Tatuagem, Arquitetura, Projeto.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Casa de Bilbo Bolseiro	26
Figura 2 Fachada Ancoras Tattoo	27
Figura 3 Recepção.	28
Figura 4 Sala de Espera.	29
Figura 5 Sala de Procedimento.	30
Figura 6 Academia de Ciências Califórnia.	31
Figura 7 Green Magic Homes.....	32
Figura 8 Green Magic Homes.....	33
Figura 9 BRASIL- Paraná..	34
Figura 10 Cidade de Cascavel.	34
Figura 11 Localização do terreno.	35
Figura 12 Informações sobre o terreno.....	37
Figura 13 Setorização.	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
1.1 ADERÊNCIAS À LINHA, GRUPO E TEMÁTICA DE PESQUISA.....	6
1.1.1 A Linha de Pesquisa	6
1.1.2 Ao Grupo de Pesquisa.....	6
1.1.3 A Temática da Pesquisa.....	6
1.2 Assunto	6
1.3 Tema	6
1.4 Justificativa	6
1.5 Objetivos.....	7
1.5.1 Objetivo Geral.....	7
1.5.2 Objetivos Específicos	7
1.6 Metodologia	7
2 REVISÃO BIBLIOGRAFICA E SUPORTE TEORICO.....	9
2.1. NAS HISTORIAS E NAS TEORIAS	9
2.1.2 Centro de Tatuagem.....	9
2.1.2.1 Historia da Tatuagem.....	9
2.1.2.2 Historia da Tatuagem no Brasil	9
2.1.2.3 Origem do Nome	10
2.1.2.4 Estilos de Tatuagem.....	10
2.1.2.5 Norman Collins (Sailor Jerry).....	10
2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETO	11
2.2.1 Os Espaços	12
2.2.2 Paisagismo	12
2.2.3 Climática.....	13
2.2.4 Tecnologias	14
2.3 NO URBANISMO E NO PLANEJAMENTO URBANO	15
2.3.1 A cidade	15
2.3.1 Meio Ambiente	16
2.3.1 Planejamento Urbano.....	16
2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	18
2.4.1 Conforto	19

2.4.2 Tecnologias	19
2.4.3 Impactos da construção.....	19
2.4.4 Sustentabilidade	23
2.4.4.1 Requisitos Térmicos	23
2.4.4.2 Requisitos Luminotécnicos	23
2.4.4.3 Aberturas Zenitais.....	24
2.4.5 Práticas sustentáveis	24
2.4.6 Telhados verdes	26
3. CORRELATOS	27
3.1 CASA BILBO BOLSEIRO	27
3.2 ANCORAS TATTOO	28
3.3 UNIVERSIDADE DA CALIFORNIA.....	31
3.4 GREEN MAGIC HOMES.....	31
4. APLICAÇÃO DO TEMA DELIMITADO	35
4.1 Terreno.....	35
4.2 Conceituação e Partido Arquitetônico	37
4.3 Programa de Necessidades.....	38
4.4 SETORIZAÇÃO.....	40
5. CONSIDERAÇÕES	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresentará a fundamentação teórica baseada em projetos de características semelhantes, a fim de embasar o projeto de um centro de tatuagens para a cidade de Cascavel-PR.

1.1. A LINHA DE PESQUISA

A linha de pesquisa do projeto se encaixa na área de arquitetura e urbanismo, pois este trabalho é uma execução de um projeto arquitetônico de um centro de tatuagens para a cidade de Cascavel-PR.

1.1.2 Ao Grupo de Pesquisa

Grupo de pesquisa se enquadra na área de tecnologia da arquitetura, pois se trata de um projeto que requererá vários tipos de estudos para desempenho do mesmo.

1.1.3 À Temática de Pesquisa

Será aqui desenvolvido o trabalho de criação de um centro de tatuagem para a cidade de Cascavel. Tal projeto deverá unificar a história da tatuagem a sua execução com museu, estúdios e cafés, promovendo, portanto, um ambiente voltado à cultura, às artes e ao lazer.

1.2 ASSUNTO

Estudo projetual de um Centro de Tatuagem para a cidade de Cascavel-PR.

1.3 TEMA

Proposta arquitetônica de um Centro de Tatuagem na cidade de Cascavel-PR.

1.4 JUSTIFICATIVA

No Brasil, a quantidade de pessoas que tem aderido a manifestação artística da tatuagem vem crescendo com o decorrer do tempo. Segundo Gurgel (2005), a procura cresceu em 200% no ano de 2016 e esse número aumenta ainda mais nas estações mais quentes do ano. No entanto a cultura dos tatuadores vem diminuindo a cada dia, são cada vez menores o número desses profissionais no mercado devido a grande exigência da vigilância sanitária com esse tipo de procedimento. Assim, acaba-se por tornar muito caro abrir um estúdio, fazendo com que os mesmos optem por exercer a profissão de maneira clandestina, o que contribui com a marginalização da arte.

O centro de tatuagem para a cidade de cascavel tem a função de abrigar estúdios de tatuagem no seu interior, com uma arquitetura alegre e com viés sustentável que se unifica com a topografia do ambiente e proporciona espaços de lazer e cultura.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Elaborar uma proposta teórica e projetual de um Centro de tatuagens para a cidade de Cascavel-PR.

1.5.2 Objetivos Específicos

1. Desenvolver uma pesquisa bibliográfica sobre o tema da pesquisa;
2. Desenvolver uma proposta projetual para o Centro de tatuagens;
3. Apresentar uma linguagem de paisagismo para o local;

4. Desenvolver uma arquitetura que remeta à Casa Hobbit - obra de J.R.R Tolkien;
5. Desenvolver um projeto com princípios sustentáveis.

1.6 METODOLOGIA

É de grande importância a definição da metodologia empregada para a produção de uma pesquisa, pois a mesma auxilia e orienta a estrutura do trabalho. Procurando avaliar a temática proposta, este trabalho será pautado na averiguação a respeito do tema sugerido, de maneira a analisar com a maior veridicidade possível o processo metodológico de conhecimento do problema.

Nesse contexto, os estudos aconteceram por intermédio de encontros semanais com o orientador e, também, através de comunicação por e-mail, procurando a evolução gradativa do projeto de pesquisa.

A partir dessas premissas serão desenvolvidas o programa de necessidades para a proposta do Centro de Tatuagem.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

O atual capítulo da monografia consiste em quatro subcapítulos, cada qual apresentando um pilar da arquitetura. Primeiramente será apresentado a história e as teorias. O segundo trata sobre as metodologias de projeto. O terceiro discorre sobre urbanismo e planejamento urbano. E, por fim, trata-se sobre a tecnologia da construção, fatores de conforto lumínico e térmico.

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

Sobre as cidades, para Benevollo,

(..) A cidade permanece uma criação histórica particular; ela não existiu sempre, mas teve início num dado momento da evolução social, e pode acabar, ou ser radicalmente transformada, num outro momento. Não existe por uma necessidade natural, mas uma necessidade histórica, que tem um início e pode ter um fim (BENEVOLLO, 2010, p. 09).

Para ele, a construção representa a sua época e as relações sociais do meio em que se está inserido, acoplada com as relações de poder, políticas e econômicas. Perante o discurso de Benevollo, Smolarek (2005), aponta outros fatores os quais a história da arquitetura depende também, como “O estilo de uma época, de um lugar, de um determinado artista, depende, portanto, de muitos fatores – religiosos, geográficos, políticos, tecnológicos”.

2.1.2 Centro de Tatuagem

Com a finalidade de introduzir o leitor ao tema elaborado, foram desenvolvidos subitens para um breve entendimento sobre a história da tatuagem. Tais tópicos são advindos da necessidade de contextualização da temática abordada nessa pesquisa, proporcionando uma compreensão melhor da obra.

2.1.2.1 História da Tatuagem

De acordo com Samadelli (2015), o primeiro registro de uma pessoa tatuada é de 5.300 A.C, uma múmia com aproximadamente sessenta e uma tatuagens, nomeada como OTZI com crivações e cortes pelo corpo feitas a base de carvão, acredita-se que o objetivo era de amenizar as dores corporais como uma espécie de acupuntura.

Segundo o autor, não existe uma data confirmada para o início dessa prática, ela surge de forma simultânea em vários continentes, cada qual com a sua função e aspecto cultural.

2.1.2.2 História da Tatuagem no Brasil

O principal difusor da técnica no Brasil foi o dinamarquês Knud Harald Lucky Gegersen que ficou conhecido na história apenas como Lucky Tattoo, o qual se estabeleceu no porto de Santos em meados da década de 60, utilizando sua técnica como pintor profissional. O slogan de seu estúdio era “Um marinheiro sem tatuagem não pode ser um marinheiro”, arte que já era difundida entre essa classe trabalhadora aumentou ainda mais. Por se tratar de um ambiente portuário cotidianamente era frequentado por moradores de rua, prostitutas e usuários de drogas, além de conter estabelecimentos como bordéis e tavernas, o local onde eram realizadas as primeiras tatuagens no Brasil não ajudou positivamente para imagem dessa arte (RIBEIRO, 2013).

2.1.2.3 Origem do nome Tatuagem

Relata-se que em meados do século XVIII marinheiros da Europa que desembarcaram no Taiti tiveram contato com tribos indígenas que possuíam figuras marcadas em seu corpo como um importante aspecto de sua cultura ou como forma de diferenciar membros de sua família. A palavra “TATAU” era forma de se referir ao ato de introduzir pigmentos na pele com conchas afiadas e instrumentos de madeira (RIBEIRO, 2013).

2.1.2.4 Estilos de tatuagem

Um dos mais antigos e conhecidos estilos de tatuagem é o *old school*, caracterizado não somente pela utilização de quatro cores únicas, as quais na época eram as únicas que os tatuadores conseguiam produzir. Esse estilo também é marcado pelos desenhos que sempre se referem ao cotidiano de marinheiros como as andorinhas, boxeadores, âncoras, facas e afins (RIBEIRO, 2013).

2.1.2.5 O 1º Estúdio

Conhecido como Sailor Jerry, foi o fundador do primeiro estúdio de tatuagem do mundo, seu estúdio era situado no Havaí e foi o principal propulsor da técnica de tatuagem do mundo. Acredita-se, também, que foi o inventor do estilo *old school* por ter servido à marinha - que era a sua segunda paixão. Sailor Jerry tatuava grande parte dos soldados americanos que partiram para a segunda guerra mundial que queriam levar consigo uma lembrança da América (RIBEIRO, 2013).

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

2.2.1 Ver Arquitetura

De acordo com Fontes (2002), a arquitetura não é determinada apenas pela soma de planos e seções a alçados. Para ele, é algo distinto, algo mais, tornando-se impossível dizer exatamente quais são seus limites, os quais não estão bem definidos. Pois, como ele reitera, a arte não precisa ser explicada, porém deve ser sentida, mas que por meio de palavras é possível ajudar os outros a senti-la.

Fontes (2002) ainda afirma que não é suficiente ver a arquitetura; devemos vivenciá-la. Assim, devemos a observar como foi projetada para um determinado fim e como ela sintoniza com o conceito e o ritmo de uma época específica. Devemos residir nos aposentos, sentir como nos circundam, observar como nos levam naturalmente de um

local para outro. Devemos, também, estar conscientes dos efeitos textuais, descobrir por que certas cores foram usadas em detrimento às outras, como a escolha dependeu da orientação dos cômodos em relação às janelas e ao sol, entre outras.

A respeito disso, Ching (2008), nos diz que a arquitetura é comumente idealizada – projetada, realizada, construída – de acordo com um conjunto de condições predefinidas. Então, sendo assim, para o autor, essas condições podem ser de natureza meramente funcional ou podem, ainda, conjecturar, em graus diversos o ambiente social, político e econômico. Segundo ele, de qualquer forma, pressupõe-se que o conjunto de condições existentes, o problema, seja pouco satisfatório e que um novo conjunto de condições, uma solução seja desejável; ou seja, a ação de criar a arquitetura compõe um método de resolução de problemas ou de projeto. Por fim, complementa Waterman (2010):

Quando moramos em um lugar, fazemos dele nossa casa, ou quando fazemos um investimento permanente nele, dizemos que o habitamos. Um bom lugar é aquele no qual nos sentimos confortáveis, que nos cai bem como uma velha calça de brim. Os arquitetos paisagistas não projetam lugares meramente fotogênicos ou escultóricos; eles criam paisagens que foram projetadas para serem habitadas, e muitas vezes os projetos resultantes são muito discretos. Assim como aquela calça velha, talvez eles nem sejam notados até que sejam mencionados (WATERMAN, p. 84).

2.2.1 Os espaços

Para Gurgel (2005), é essencial que as atividades que irão ser desenvolvidas em cada espaço a ser criado sejam entendidas em toda a sua complexidade; ou seja, dos equipamentos abarcados à necessidade de comunicabilidade entre os espaços, a fim de beneficiar a comunicação entre os trabalhadores. Para o autor, os projetos executados com precário ou quase nenhuma informação dos atributos e particularidades das atividades comerciais ou dos serviços envolvidos estão destinados ao fracasso (p. 22).

Tem-se, ainda, que o trabalho do arquiteto não se resume somente em atender as necessidades de segurança e comodidade dos usuários dos edifícios por ele projetados, como também é importante o seu empenho em criar um meio ambiente favorável para o crescimento da família em termos sociais (HERTZ, 1998, p. 03).

2.2.2 Paisagismo

Na atualidade, Farah (2010) aponta que a complexidade dos cenários urbanos tem levado o projeto paisagístico a ultrapassar suas condicionantes e designações clássicas para, respectivamente, considerá-las integradas, segundo a concepção de que a paisagem, por ela mesma, está referente a vários campos disciplinares (p. 21).

Ainda, o autor acrescenta que as disposições de desempenho a partir de elementos e procedimentos biofísicos, arquiteturais, artísticos e urbanísticos vêm para afirmar recursos possíveis da paisagem na visão de territórios urbanos mais sustentáveis e seguindo os desígnios para gerar uma harmonia maior entre o meio natural e humano (FARAH, 2010, p. 207). Frente ao discurso de Farah, Doyle adiciona que:

Arquitetos, paisagistas, designers de interiores e todos aqueles que desenham locais que serão usados por outras pessoas, lidam com uma forma especial de comunicação. Eles criam sobre planos bidimensionais as imagens de suas ideias a respeito das formas e dos espaços tridimensionais que compõem estes lugares (DOYLE, 2012, p. 15).

De acordo com isso, Ribeiro (2013, p. 227) complementa que “[...] o homem pode, observando o comportamento da natureza, ter mais uma fonte de inspiração para sua criatividade”. Nesse sentido, Neufert (2004) adiciona:

[...] o homem não é apenas um corpo vivo que ocupa e utiliza um espaço; a parte afetiva não tem menos importância. Seja qual for o critério ao dimensionar, pintar, iluminar ou mobiliar um local, é fundamental considerar a << emoção >> que ele cria em quem o ocupa (p.18).

Frente a esse discurso, Hertz (1998, p. 09) coloca que um dos principais papéis de uma construção é a de suavizar as condições impresumíveis e valer-se das óticas positivas apresentadas pela localização e pelo clima. Para ele, trata-se, desse modo, de neutralizar as condições climáticas adversas e potencializar as cômodas, abrangendo a comodidade dos que irão utilizar o espaço. Para isso, é necessário levar em consideração que o clima influencia o corpo humano pela relação de cinco elementos: a temperatura do ar, a radiação solar, o vento, a humidade e as precipitações.

2.2.3 Conforto Térmico

Hertz (1998) complementa que há lugares que apresentam intensas variações climáticas durante o ano, razão pela qual o projeto arquitetônico deve satisfazer tanto as necessidades do inverno como as do verão. Podemos dizer que, até certo ponto, existe uma relação entre essas variações e a distância que esse lugar se encontra do Equador.

O autor ainda ressalva sobre os aspectos importantes da ventilação nos edifícios, abordando sua importância não apenas pelo conforto, mas também por razões de salubridade; sendo, portanto, uma quantidade mínima de ventilação constante é indispensável. A falta de ventilação nas zonas urbanas com uma alta densidade de população tem sido uma causa fundamental na transmissão de doenças, além de provocar desconforto e tensão. Sem uma boa circulação de ar dentro dos edifícios, existe um aumento no nível de umidade produzido, por exemplo, na cozinha, no banheiro, além da própria transpiração dos corpos (HERTZ, 1998).

2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

2.3.1 A cidade

Segundo Lynch (1997), todo habitante da cidade tem extensas agregações com determinadas partes de sua cidade e a ideia de cada pessoa está carregada de memórias e significados. Os ambientes móveis de uma cidade e, em específico, as pessoas e suas atividades são tão importantes como os ambientes imóveis. Lynch complementa que não somos apenas observantes desse cenário, mas fazemos parte dele; partilhamos o mesmo palco com os outros partícipes. O autor argumenta que quase todos os nossos sentidos ficam em operação, e a imagem é uma combinação de todos.

Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo à sua volta. Isso é o extremo oposto do medo que decorre da desorientação; significa que o doce sentimento da terra natal é mais forte quando não apenas esta é familiar, mas característica (LYNCH, 1997, p. 05).

E, de acordo com Lerner (2011), quanto mais compreendermos a cidade como

relação de papéis, de renda, de idade e de encontros, mais cheia de vida ela será, pois a cidade não é construída para apenas uma pessoa, mas sim para uma grande massa delas, atendendo a todas, mesmo com as diferenças de cada um.

2.3.2 Meio Ambiente

O problema da imagem do meio ambiente nasce na época em que a renovação urbana é intensa e profunda, justificando assim uma atitude voluntária e conscientemente voltada para as características visuais da cidade. Embora os estudiosos desta tendência não subestimem a importância da estética, e de certa forma recoloquem este aspecto que a crítica e a prática urbanista do século XX vinham relegando, o enfoque da questão visual na cidade assenta-se principalmente sobre bases psicológicas. Afirma-se que existe necessidade de orientação através das chaves exteriores, visuais, fornecidas pelo meio ambiente urbano, e de certas referências emocionais e afetivas às configurações da cidade. A tendência levou muito longe estas considerações, suscitando críticas quanto a falta de visão global da problemática urbana, desvinculação de caracteres culturais e psicossociais da estrutura social, e empirismo na metodologia. (FARRET 1985, p23)

Seguindo a linha de pensamento de Farret, o pensamento contemporâneo sobre o meio ambiente foi desenvolvido a partir de três vertentes: uma primeira, onde os temas foram adequados de forma quebrada nos estudos sobre políticas públicas, movimento sociais etc. A segunda, e mais importante delas, onde a questão ambiental passa a ser abrangida como redefinidora das possibilidades de desenvolvimento humano. E uma terceira vertente na qual os protótipos existentes seguiram o caminho da chamada “ciência normal”, buscando estender os modelos, redefinir os conceitos e adentrar novas visões a fim de abarcar a problemática iminente (AZEVEDO, 2000). Nesse sentido, Corbusier expõe:

A natureza nos fornece ensinamentos ilimitados. A vida se manifesta nela; a biologia reúne-lhe as regras. Tudo nela é nascimento, crescimento, florescimento e perecimento. O comportamento dos homens também procede de movimentos análogos. A arquitetura e o urbanismo, que são os meios pelos quais os homens fornecem à própria vida sua moldura útil, exprimem, exatamente, os valores materiais e morais de uma sociedade (CORBUSIER, 2000, p48).

Para o autor, o comportamento dos homens também procede de movimentos comparáveis. A arquitetura e o urbanismo, sendo o meio pelos quais os seres humanos fornecem à própria vida sua moldura favorável, exprimem, assim, os valores materiais e

morais de uma sociedade (CORBUSIER, 2000, p.48)

2.3.3 Planejamento Urbano

As políticas públicas e urbanas, na perspectiva dos agentes e dos interesses envolvidos na produção do espaço, têm sido o fio condutor de numerosos trabalhos de pesquisa empírica, cujo objetivo consiste em entender a produção do espaço, por um lado, pelos determinantes estruturais do modo de produção capitalista e, por outro, pela ação e os interesses de frações de classe, em especial a cadeia de agentes que interagem no mercado da construção civil, do proprietário fundiário ao incorporador, passando pelo empreiteiro de obras públicas (AZEVEDO, sd., p.32).

Tal como afirma a autora, essa visão do contexto permite uma compreensão das formas de produção do espaço. A mesma diz que, ainda assim, é imprescindível uma ponderação, levando em consideração uma probabilidade que remate interesses sócio-espaciais repousados; como por exemplo, na noção de território, que ultrapassem os interesses de classe, como no caso do movimento ambientalista (AZEVEDO, p32).

A indagação principal se refere ao impacto no controle ou gestão ambiental do espaço nas cidades globais – dentre as quais se insere a cidade de São Paulo, com o desaparecimento do modelo clássico de cidade industrial, em que se tem a perspectiva de uma urbanização periférica, de mobilidade ocupacional e flexibilidade gerencial, de maneira que unidades produtivas de uma região são transferidas para outra. Isso acarreta a formação de um vínculo cada vez mais tênue entre residência e trabalho, a formação de ilhas de exclusão social e a produção de um espaço onde o poder local tem cada vez menos participação, com as decisões sendo tomadas, às vezes, em um nível até mesmo transacional (AZEVEDO, sd. p.34).

Tal como diz Azevedo, o desafio, então, passa ser de projetar de maneira não racionalista e flexível, observando que a história é uma mistura complexa de determinação e indeterminação, de regras, de níveis de condicionamento estrutural e de graus de liberdade para a maneira de agir humana, onde o que se espera geralmente é atraído pelo inesperado transformando o planejamento em algo simultaneamente necessário e ousado (SOUZA, 2004, p.46).

Temos a oportunidade de transformar o nosso novo mundo urbano numa paisagem passível de imaginabilidade: visível, coerente e clara. Isso vai exigir uma nova atitude de parte do morador das cidades e uma reformulação do meio em que ele vive. As novas formas, por sua vez, deverão ser agradáveis ao olhar, organizar-se nos diferentes níveis no tempo e no espaço e funcionar como símbolos da vida urbana (LYNCH, sd., p.101).

Então, a forma urbana deve compor uma solução para o conjunto de problemas que o planejamento urbanístico almeja organizar e controlar. A alteração do contexto vai mudando as formas pela necessidade de resposta a situações diferentes (LAMAS, 2000, p. 37).

Hoje os urbanistas e planejadores urbanos defrontam-se (ainda) com um dilema fundamental sobre o tamanho, a forma e o padrão de crescimento que as cidades devam assumir no século 21. Serão as cidades compactas, densamente ocupadas e verticalizadas, como Hong Kong, New York, Tóquio, Cairo ou São Paulo a solução do futuro para a humanidade? Ou serão as cidades lineares, amenas, “verdes”, tranquilas e menos densas, tais como Brasília, Los Angeles e as novas cidades inglesas e egípcias, um padrão a ser seguido para o futuro urbano de nosso planeta, como já é o caso de diversos projetos de expansão urbana e novos bairros já realizados no Rio de Janeiro, Paris, Cairo, Amsterdã e Boston (ACIOLY, 1998).

Tem-se, para Waterman (2010), que tudo o que existe no exterior está no conjunto de um sistema inter-relacionado que modela o tecido urbano; ou seja, para compreender a paisagem e seu alcance, é preciso aprender a olhar para todos os aspectos do contexto que esta inserida. No tange a isso, Acioly comenta que:

O planejamento de áreas residenciais urbanas de alta densidade requer uma atenção especial para os serviços urbanos complementares, comércio e áreas de lazer. O planejador urbano deve procurar um equilíbrio entre os espaços livres e construídos e avaliar cuidadosamente as diversas possibilidades e arranjos espaciais, assim como as perdas e os ganhos entre uma solução que alcança uma utilização máxima da terra e redes de infraestrutura e uma que consegue produzir um meio ambiente urbano agradável, acolhedor e sustentável do ponto de vista ambiental (ACIOLY, 1998, p09).

Portanto, de acordo com Acioly, a produtividade das cidades é medida pelo meio do grau de eficácia com que elas conseguem elevar ao máximo os investimentos públicos e privados e a competência de originar seus próprios recursos precisos para manter um processo de desenvolvimento consecutivo e sustentável. Assim, “O que as pessoas sentem ou veem depende muito de suas próprias origens sociais, econômicas e étnicas, e, até certo ponto, da configuração, forma e uso da construção e do espaço urbano.” (ACIOLY, 1998, p. 10-15). Sendo assim:

O homem é ator e espectador desse espetáculo diário que é a cidade. Uma boa acupuntura é ajudar a trazer gente para a rua, criar pontos de encontro e, principalmente, fazer com que cada função urbana catalise bem o encontro entre as pessoas (LYNCH, 1997, p. 101).

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

Com o intuito de identificar assuntos concatenados com o tema da presente pesquisa no que diz respeito às tecnologias da construção, a seguir serão abordados autores que colaboram com a fundamentação da pesquisa, pois possuem argumentos vitais para o desenvolvimento do projeto.

2.4.1 Conforto

De acordo com Corbella:

São muitos poucos os prédios contemporâneos nas regiões tropicais capazes de prover conforto ambiental a seus ocupantes sem uma forte dependência da energia convencional para ar condicionado. O desenvolvimento de uma arquitetura fundamentalmente independente dela é um dos desafios que frequenta a presente geração de arquiteto brasileira. (CORBELLA, 2002, p. 02).

Frente às preleções de Corbella, nota-se que o fácil acesso a energia faz com que se crie uma tendência a esse viés de arquitetura, com foco no uso de, por exemplo, ventilações mecânicas. De tal modo, é um aumento do consumo de energia supérfluo para resolver um problema que foi inventado por esse mesmo estilo de arquitetura. (CORBELLA, 2002, p. 03). Sobre o supracitado, Jourda complementa que:

Os equipamentos de climatização consomem muita energia. Deve se pesquisar acerca de todos os métodos que visam o resfriamento natural dos ambientes. A sensação de frescor aumenta quando a velocidade do ar é alta. [...] É possível movimentar o ar de forma natural através da diferenciação de pressão entre duas fachadas, uma exposta ao sol e a outra sombreada, ou pelo efeito chaminé (JOURDA, 2012, p. 06).

De tal modo, o dimensionamento de uma obra deve ser dirigido pela utilização de quantidade específica dos materiais necessários. Esse avanço envolve, em primeiro lugar, os elementos estruturais, que devem ser reduzidos ao obrigatório sem deixar de prever as futuras ampliações do edifício. Jourda diz que materiais com alta energia incorporada devem ser utilizados com prudência para tornar mínimo o emprego de recursos não renováveis, bem como o balanço de carbono da edificação (JOURDA, 2012, pg. 50)

2.4.2 Tecnologias

Ressalta-se, como chama a atenção Lida (2002), o avanço tecnológico deve ser visto não como uma ameaça, mas como um constante desafio e como formação de novas oportunidades. Também, acrescenta o autor que esse avanço provoca alterações no sistema de produção e em sua organização, como também proporciona novas requisições de qualificação do pessoal, migrações populacionais, problemas de poluição ambiental e outros fatores que necessitam ser discutidos. Nesse sentido, Lawson corrobora ao dizer que,

[...] portanto, os vários tipos de projetos lidam com ideias precisas e vagas, exigem pensamento sistemático e caótico, precisam de ideias criativas e cálculos mecânicos. No entanto, um grupo de campos parece ficar próximo do meio dessa série de atividades que envolvem os projetos. Os campos tridimensionais e ambientais da arquitetura, do design de interiores, do desenho industrial e de produto, do urbanismo e do paisagismo exigem todos que o projetista gere produtos finais belos e também úteis práticos e que funcionem bem [...] (LAWSON, 2011, p. 16).

Engel (2001) ainda acrescenta que apenas por meio de suas estruturas, os moldes materiais do meio continuarão ilesos e assim poderão acabar suas precisas funções. Para o autor, as estruturas são as verdadeiras preservadoras dos papéis do meio material em natureza e técnica.

Não obstante, afirma Martinez (2000) que ao acordar entre si os diferentes elementos; passa-se, em sequência, às diferentes partes de um conjunto. Esse é o modo que deve ser adotado quando se estuda a forma de compor: pois quando se compõe, carece de iniciar pelo conjunto, prosseguir pelas partes e acabar pelas particularidades. Ainda, acrescenta o autor, que oferecido o programa de um edifício, primeiramente necessita-se analisá-lo tendo em vista o uso a que está anunciado esse edifício; pois todas as partes que o compõe necessitam estar agrupadas ou apartadas. Após isso, deve-se apresentar em seu projeto uma única massa ou diversas; examinar, no segundo caso, quais são as partes basilares e quais aquelas que estão dependentes a elas; colocar qual o número das partes basilares e das outras e quais necessitam ser seus tamanhos e relativas localizações. Por fim, distinguir se o edifício deve conter um único andar ou múltiplos, ou um único piso em adequadas partes e diversos em outras.

Sendo assim, conclui Pronsato, que do mesmo modo que não existem professores ou alunos idealizados, também não existem arquitetos ou usufrutuários idealizados, pois existem diversas visões de mundo, onde um usuário pode ver, no espaço, significados que um arquiteto não vê ou vice-versa. Também, pode ocorrer, de acordo com o autor, na sala de aula, na relação professor-aluno. Ele ressalva que o diálogo, a consciência das pessoas e das modificações recíprocas que acontecem compõe uma alteração de atitude interativa.

2.4.3 Impactos da construção

Frente ao discurso de Jourda, Braga (2005, p. 52) aponta que os problemas ambientais vão além dos problemas de materiais e recursos utilizados, mas também com fatores sociais e resíduos e seus impactos, como afirma abaixo:

A crise ambiental pode ser descrita considerando-se três aspectos básicos; crescimento populacional, demanda de energia e de materiais e geração de resíduos, ou seja, a poluição. O problema de poluição surge no momento em que o ser humano descobre o fogo e passa a ser capaz de impulsionar máquinas e realizar trabalho, o que conduz a um enorme avanço tecnológico. Esse desenvolvimento traz a necessidade de quantidade cada vez maiores de materiais e energias- para satisfazer a necessidade significativa de resíduos, tanto em termos de matéria quanto em termos de energia. Assim torna-se vital o entendimento do conceito de energia e de suas múltiplas formas, principalmente aquelas que têm menos impacto sobre o meio ambiente (Braga, 2005, p. 52).

O autor chama atenção para os gastos energéticos de uma construção, seja ela em sua fase pré-operacional, energia embutida (a qual é gasta na fabricação de seus materiais) ou mesmo – e a mais preocupante – a de sua ocupação, demolição e manutenção. Braga diz que a água é também um grande problema, estimando-se que em média 50% da água potável nas regiões urbanas são gastas com a construção civil (Braga, 2005, p.60). Frente ao discurso de Braga 2000, Colin complementa que:

[...] Sobre a forma espacial, resta mencionar os efeitos da iluminação natural na apreensão do espaço, apenas em parte controlável pelo arquiteto. Pode-se determinar a forma de uma sala, a posição dos elementos de iluminação. [...] A luz diurna varia com a hora, com a estação do ano com as condições climáticas e o espaço acusa essas variações. (COLIN, 2000).

Assim, o arquiteto deve mensurar o efeito da iluminação natural, independente do

efeito pretendido, seja ele de razão espacial, conforto ou mesmo poético, sabendo que a luz natural se comporta de forma diferente conforme as estações e horários durante o dia. Portanto, deve-se controlar as aberturas da edificação quaisquer que sejam elas - janelas, claraboias - e providenciar para que sejam elas eficazes no resultado que deseja (COLIN, 2000, p.60).

[...] Dessa maneira o crescimento populacional continuo observado é incompatível com um ambiente finito, em que os recursos e a capacidade de absorção e reciclagem de resíduos são limitados. Devemos acrescentar a esse quadro o aumento do consumo individual que se observa no desenvolvimento da sociedade humana, que torna a situação mais preocupante ainda. Portanto, se o modelo de desenvolvimento da sociedade não for alterado, estaremos caminhando a passos largos para o colapso do planeta, com perspectivas nefastas para a sobrevivência do homem (BRAGA, 2005, p.47).

2.4.4 Sustentabilidade

Braga chama a atenção para as premissas referentes aos recursos naturais que tem caminhado rumo à escassez ou até mesmo o seu esgotamento. O consumo de tais recursos é maior do que o planeta pode renová-los, tendo em vista o crescimento populacional. Com isso exige do arquiteto que ele busque soluções em matérias e energias renováveis, como também no seu modo de construir (BRAGA, 2005). Nesse sentido, Lamberts também discorre sobre eficiência energética.

A eficiência energética pode ser entendida como a obtenção de um serviço com baixo dispêndio de energia. Portanto, um edifício é mais eficiente energeticamente que outro quando proporciona as mesmas condições ambientais com menor consumo de energia (LAMBERTS, 2004, p.14).

Por fim, Frota tem uma abordagem bioclimática sobre o tema, partindo da ideia que a forma arquitetônica tem também seu papel fundamental sobre menores consumos de energias.

Para FUENTES (2000) o processo de projeto e sustentabilidade caminham juntas, sendo que as mesmas devem ser discutidas juntas e de maneira integrada, discutindo questões quantitativas de consumo de energia, recursos naturais, além da qualidade ambiental. O autor afirma que caso todas essas medidas sejam tomadas o resultado será um projeto sustentável, pois as metodologias de projeto estão totalmente ligadas à sustentabilidade e a qualidade ambiental (FUENTES, 2000, p.17).

2.4.4.1 Requisitos térmicos

Para Monteiro (2006), a realização de estudos para o entrosamento do clima onde será implantada uma edificação é crucial para entender os fatores exteriores que agem no local. Para que exista o balanceamento de conforto térmico as direções do ar devem ser analisadas positivamente e negativamente. Nos dias mais frios deve ser impedido, para que não se alastre nos ambientes internos; já no verão deve ser aceitado, pois o seu emprego pode produzir o benefício das condições de conforto (OLGYAY *apud* MONTEIRO, 2006).

Sobre tal, Monteiro (2006) afirma que o arquiteto deve se conscientizar da gravidade de utilizar os recursos naturais de ventilação. Dessa maneira, a função da ventilação artificial poderá ser empregada a partir do ponto em que a ventilação natural não consegue acatar sozinhas as necessidades de conforto; ou ainda, quando os espaços a serem projetados possuem uma finalidade especial. Para atender a essa condição, o projeto será embasado nas condições que melhor favorecem a ventilação natural, como, por exemplo, a localização da edificação em afinidade ao terreno e as orientações onde o vento predomina.

2.4.4.2 Requisitos luminotécnicos

Monteiro (2006) alega que a luz solar possui três segmentos espectrais, são eles: radiação ultravioleta UV, radiação infravermelha IV e luz visível LV. Desses segmentos, o que o homem mais precisa é a luz visível, por ser essa a da luz diurna. O infravermelho é sentido pelo usuário como calor. Com isso, no Brasil, onde a grande parte das cidades exibe um clima quente-úmido, vê-se necessário criar mecanismos onde o calor possa ser reduzido. Não apenas para acatar as demandas de conforto térmico, quanto de iluminação o arquiteto também deve levar em conta o emprego dos materiais. Ao propor materiais translúcidos para as fachadas, deve-se recordar de que cada tipo tem uma seletividade do espectro; ou seja, determinados transmitem a faixa IV, enquanto outros a faixa UV. Além de que, a luz natural aumenta a qualidade do ambiente e aprimora a eficiência energética da construção (MONTEIRO, 2006).

2.4.4.3 Aberturas zenitais

Segundo Robbins (1986) as aberturas zenitais podem ser utilizadas para ampliar a profundidade de percepção da luz natural, nas aberturas laterais, ou em casos onde o uso das aberturas laterais é impróprio. O autor também relata que a iluminação zenital é o sistema de iluminação natural com maior facilidade de interação com sistemas artificiais, pois a luz entra no espaço vindo do forro, em ambos os casos (ROBBINS, 1986, p.87).

Lam, sobre o assunto, diz que o mais evidente benefício das aberturas zenitais sobre as aberturas laterais é o livre arbítrio de posicionar a fonte de luz natural onde a iluminação é almejada, por outro lado, uma das principais barreiras da iluminação zenital é a dificuldade de iluminar habitações com mais de dois pisos (LAM, 1986, p138).

2.4.5 Práticas sustentáveis

Fernandes (2009) afirma que a incorporação de práticas de sustentabilidade na construção é uma tendência crescente no mercado. Sua adoção é “um caminho sem volta”, pois diferentes agentes – tais como governos, consumidores, investidores e associações – alertam, estimulam e pressionam o setor da construção a incorporar essas práticas em suas atividades. Para tanto, o setor da construção precisa se engajar cada vez mais, e as empresas devem mudar sua forma de produzir e gerir suas obras. Elas devem fazer uma agenda de introdução progressiva de sustentabilidade, buscando, em cada obra, soluções que sejam economicamente relevantes e viáveis para o empreendimento. Qualquer empreendimento humano para ser sustentável deve atender de modo equilibrado, a quatro requisitos básicos: adequação ambiental; viabilidade econômica; justiça social e aceitação cultural.

Ainda, Fernandes (2009) expõe que a sustentabilidade de uma edificação é medida pela sua capacidade de revidar aos desafios ambientais. O autor afirma que um modelo de casa sustentável deve empregar recursos naturais passivos e de uma arquitetura de qualidade para a promoção do conforto e da integração na habitação. Nessa lista, ainda, seguem os materiais que não afetem ao meio ambiente, nem à saúde de seus usuários e que colaborem para tornar seu estilo de vida cotidiano mais sustentável, resolvendo ou

amortecendo os problemas e necessidades provocados pela sua implantação. Por fim, eles devem fornecer saúde e comodidade aos seus residentes, além de conservar ou melhorar o meio ambiente (FERNANDES, 2009).

Segundo Araújo (2006), a construção sustentável é um sistema construtivo que promove intervenções no meio ambiente utilizando ecomateriais e soluções tecnológicas inteligentes, adaptando-os às necessidades de uso, produção e consumo humano. Tais ações promovem o bom uso e a economia dos recursos finitos (materiais, água e energia não-renovável), a redução da poluição e melhoria da qualidade do ar no interior da habitação, possibilitando conforto para o usuário sem esgotar os recursos naturais, a fim de os preservar para as gerações futuras.

Conforme o autor, as linhas-mestras que regem a construção sustentável são as seguintes: 1) Gestão da obra: estudo do impacto ambiental, analisando o ciclo de vida da obra e materiais, aplicando critérios de sustentabilidade como: gestão de resíduos, consumo de energia para manutenção e reforma. 2) Aproveitamento passivo dos recursos naturais: iluminação natural, conforto térmico e acústico, formação e interferências no clima e microclima. 3) Eficiência energética: racionalização no uso de energia pública, aproveitando, caso possível, as fontes de energia renováveis como a eólica e a solar, além do emprego de dispositivos para conservação de energia. 4) Gestão e economia da água: aplicação de sistemas e tecnologias que permitam redução no consumo da água, sistemas de reuso e recirculação da água utilizada na habitação para fins não-potáveis e aproveitamento da água da chuva. 5) Gestão de resíduos gerados pelo usuário: criação de área(s) para coleta seletiva do lixo e destinação de reciclagem. 6) Qualidade do ar e do ambiente interior: criação de um ambiente saudável, respirante, não-selado, isento de poluentes (como partículas em suspensão e compostos orgânicos voláteis/ COVs), com uso de materiais biocompatíveis, naturais, que não liberem substâncias voláteis. 7) Conforto termoacústico: se necessário utilizar tecnologias eco-inteligentes para regular a temperatura e o som visando ao conforto do ser humano. 8) Por fim, o uso de ecoprodutos e tecnologias sustentáveis para todas as etapas da obra, além do não-uso ou redução no uso de: materiais condenados pela construção sustentável – como o PVC, o amianto, o chumbo, o alumínio, entre outros.

2.4.6 TELHADOS VERDES

SOUZA (2016) diz que desde os primórdios, instintivamente, o ser humano sempre procurou abrigo e proteção contra as intempéries locais, e a sociedade moderna ainda busca a mesma segurança que os nossos antepassados. Com as mudanças, a sociedade vem se renovando e tendo diferentes opiniões sobre o que é um ambiente propício para se habitar.

Para Osmundson as pessoas que não estão acostumadas e familiarizadas com a ideia de que os edifícios e a vegetação podem combinar e coexistir, esse conceito pode parecer magnífico. Vale ressaltar que em alguns países e regiões, a construção de coberturas verdes é estimulado através de legislação especial, como é o caso da Alemanha, onde se constata a maior prática e o maior avanço tecnológico dessa técnica construtiva, oferecendo milhares de metros quadrados de coberturas verdes, edificados na última década. Políticas de Governo e apoio financeiros são a principal fonte de ajuda para essa indústria na Alemanha em outros países. Há um mercado de milhões de euros para os produtos de coberturas verdes e serviços, na Suíça, França e Áustria. Por exemplo, a Suíça detém uma lei municipal que demanda que os novos edifícios transformem as suas coberturas em áreas verdes, na mesma área perdida na sua implantação e todos os edifícios já edificados também têm que converter um mínimo de 20% do espaço da cobertura em tecnologias verdes (OSMUNDSON, 1999).

As coberturas extensivas apresentam uma camada de terra fina, pouca ou nenhuma irrigação e condições de crescimento para as plantas mais limitadas. Vale ressaltar suas características: pouco peso – na generalidade das vezes a estrutura da cobertura não necessita ser reforçada; ideal para grandes superfícies; indicado para coberturas com uma inclinação de 0° a 30°; na maioria dos casos não necessita de irrigação ou sistema de drenagem; necessita de pouca manutenção e conhecimento técnico; indicado para projetos de reabilitação de edifícios; permite que a vegetação se desenvolva espontaneamente; é um sistema mais barato, tem uma aparência natural, é o sistema mais indicado para uma eventual obrigatoriedade de aplicação, através de legislação específica para edifícios (OSMUNDSON, 1999).

3 CORRELATOS

No presente capítulo apresenta-se correlatos que irão nortear a elaboração do projeto arquitetônico do centro de tatuagem.

3.1 CASA BILBO BOLSEIRO

Para que melhor entendamos a arquitetura Hobbit, é necessário que conheçamos o que J.J.R Tolkien queria dizer quando iniciou a sua grande obra que fascina leitores até os dias de hoje. Logo nas primeiras páginas, o autor apresenta uma longa descrição sobre a toca de um hobbit, ele explica que os habitantes, acima de tudo, apreciam o conforto, porém não moram em ostentosas mansões, são casas aconchegantes construídas nas encostas para haver um isolamento ideal, são divertidos refúgios de madeiras e lindos jardins ao lado de suas janelas. Na Inglaterra no início do neolítico as pessoas moravam nas encostas, acredita que seja essas inspirações usadas para as tocas Hobbits (SMITH, 2012).

Figura 1 – Casa de Bilbo bolseiro



Fonte: Archdaily

Segundo Tolkien (2004), a casa possui uma porta perfeitamente redonda como uma escotilha, pintada de verde, com uma maçaneta brilhante de latão amarelo exatamente no centro. A porta se abre para um corredor, como um túnel muito confortável, com paredes forradas e com chão acarpetado; cadeiras de madeira lustradas e cabides para chapéus e casacos, pois deve ser um ambiente projetado para receber visitas, todos os cômodos, tais como despensas banheiros, cozinhas, salas de jantar, tudo fica no mesmo pavimento. Conforme afirmar o autor:

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca desagradável, suja e úmida, cheia de restos de minhocas e com cheiro de lodo, tampouco uma toca seca, vazia e arenosa, sem nada em que sentar ou o que comer: era a toca de um hobbit, e isso quer dizer conforto. (J.R.R Tolkien, 2004, p.10).

A residência hobbit descrita nas obras de J. R.R Tolkien, traduzidas nas linguagens e métodos construtivos dos dias atuais, se revela como uma construção de baixo impacto ambiental é construída a partir de madeira, argamassa de cal, isto é, um revestimento que favorece a respiração por ser menos

3.2. ANCORAS TATTOO

O Ancoras Tattoo (Figura 2) localizado na rua marechal cândido Rondon, centro de Cascavel-PR, é hoje é uma referencia no quesito tatuagem na cidade. Ao adentrar ao espaço, nos deparamos com a recepção do estúdio (Figura 3); nesse espaço os clientes têm o primeiro contato com os procedimentos de tatuagem e body piercing, trata-se de uma triagem onde são sanadas duvidas como, desenhos, locais, valores, horários e cuidados posteriores dos procedimentos. Aqui ainda é feita e assinada o termo de consentimento.

A sala de espera, Figura 4, é necessária para aconchegar os clientes para os preparativos dos procedimentos, pois o desenho a ser realizado deve ser preparado minutos antes da aplicação em conjunto com montagem da bancada com as matérias de tatuagem.

Figura 2 – Fachada Ancoras Tattoo



FONTE: AUTOR 2017

Figura 3 – Recepção do local



Fonte: Autor 2017

Figura 4 - Sala de espera



Fonte: Autor 2017

A sala de procedimentos fica situada no segundo pavimento da edificação, tendo capacidade de até três tatuadores no ambiente respeitando as normas regulamentadoras de espaçamento entre bancadas e moveis de apoio para armazenagem dos materiais.

Figura 5 - Sala de procedimento



Fonte: Autor 2017

3.3 ACADEMIA DE CIENCIAS DA CALIFORNIA

O planetário e a bolha que possui o habitat da floresta tropical são dois grandes globos que compõem o telhado verde, que se transforma em uma paisagem com vegetação nativa da Califórnia, que não necessita de manutenção ou água além do necessário, atraindo espécies locais para ocupá-lo. Assim, o telhado verde não será completamente acessível aos visitantes, que só podem andar através de um estreito caminho. O telhado verde fornece uma camada isolante térmica na parte superior da edificação reduzindo a necessidade de energia para ar-condicionado (Archdaily, 2012).

FIGURA 6 - Academia de ciências da Califórnia.



FONTE: Archdaily 2012

3.4 GREEN MAGIC HOMES

É possível viver sob jardins, flores e árvores, em um ambiente 100% verde e cheio de vida. Isso é possível graças a tecnologia da empresa Green Magic Homes. Completamente impermeável, com espaços amplos, construído com elementos modulares fabricados com polímero reforçado com fibra (FIGURA 7). Disponível a custos razoáveis e infinitas possibilidades de design e conforto, além de ter uma montagem rápida. Os métodos de

construção mais antigos usam a Terra como material de construção. Adobe, coberta com terra batida e terra-protegida construção, estão sendo usados como uma alternativa para os tipos mais comuns de construção. Em particular, a ideia de cobrir uma estrutura com terra viva e plantas, e usando a estabilidade térmica e segurança proporcionada pela proximidade ao solo é muito interessante. No entanto, esse tipo de construção sempre foi difícil e caro de alcançar, com questionáveis resultados. Conseguir ventilação adequada e impermeabilização adequada neste tipo de construção nunca foi fácil com métodos tradicionais e muitas vezes o resultado é sobrecarregado, exigindo uma estrutura extremamente forte que não colabora com a terra ao redor.

FIGURA 7 - Green Magic Homes



Fonte: Green Magic Homes

FIGURA 8 - Green Magic Homes



Fonte: Green Magic Homes

4. APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

Partindo dos processos metodológicos empregados na pesquisa bibliográfica, aqui se apresentará uma breve síntese do que será o projeto, que será apresentado na etapa subsequente. Neste capítulo será abordado o terreno selecionado, sua localização, seu programa de necessidades e seu fluxograma.

4.1 TERRENO

A cidade de Cascavel-PR foi selecionada para a instalação do centro de tatuagem. Tal cidade, também conhecida como capital do Oeste, demonstra grande crescimento. Focando na temática do projeto, é relevante dar ênfase no que se diz respeito ao público jovem e alternativo, que recentemente vem promovendo eventos do gênero artístico da tatuagem. Ainda, a cidade conta com uma quantidade considerável de bares, baladas e comércios do ramo da gastronomia, locais esses que proporcionam alternativas para o lazer.

O terreno escolhido foi uma área de esquina, localizado no bairro country de Cascavel, região nobre de Cascavel. Localizado em área valorizada da cidade, encontra-se na Rua Londrina em esquina com a rua Don Pedro II, com área total de 500 M². Abaixo seguem figuras para melhor entendimento do supracitado.

Figura 9 – BRASIL - Paraná



Fonte: Google Maps, 2017 - compilado pelo autor.

Figura 10 – Cidade de Cascavel – PR.



Fonte: Google Maps, 2018 - compilado pelo autor

Figura 11 – Localização do terreno

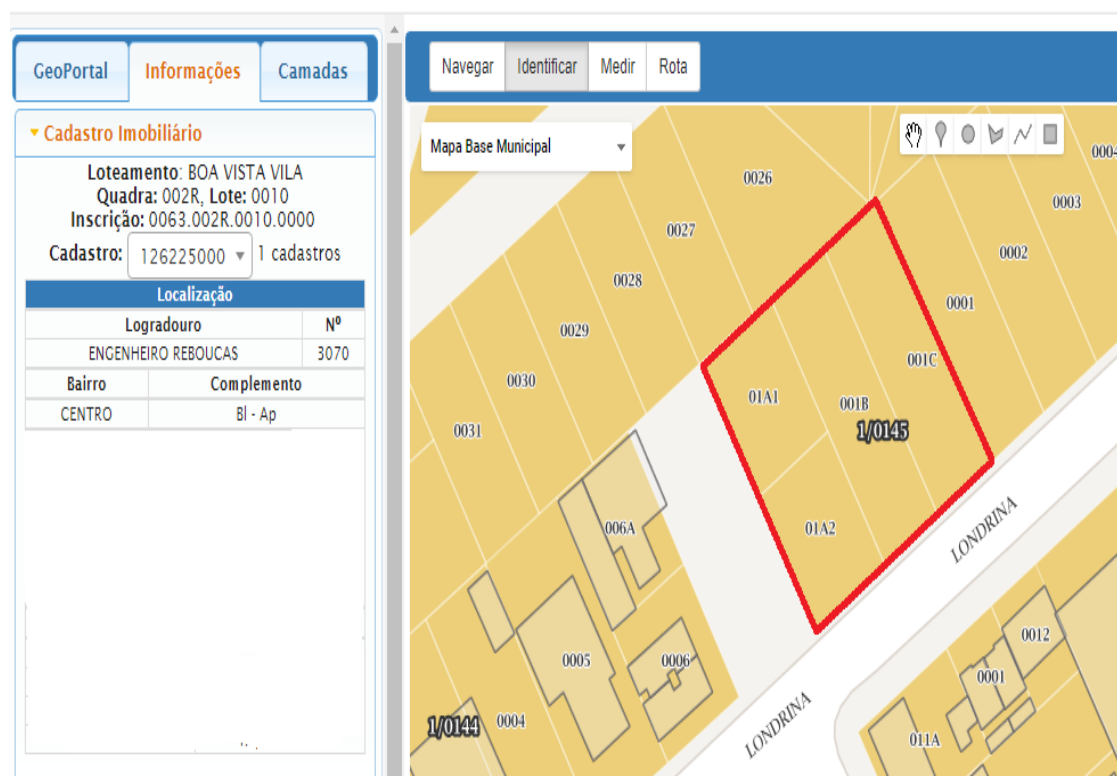


Fonte: Google Maps, 2018 - compilado pelo autor

O terreno usado para edificação, são na verdade uma união de 4 lotes, sendo que três deles estão localizados na Rua Londrina; dois fazendo divisa com a Rua Dom Pedro II onde se encerra a mesma. Somados, os lotes têm uma área total de 2,500 m² sendo que:

Lote: 01A1 -20m x 25m – Área total: 500M²
 Lote: 01A2 -20m x 25m – Área total: 500M²
 Lote: 001B – 15m x 50m – Área total: 750M²
 Lote: 001C -15m x 50m – Área total: 750M²

Figura 12 – Informações sobre o terreno



FONTE: Geoportal, 2018- compilado pelo autor

4.2 CONCEITUAÇÃO E PARTIDO ARQUITETÔNICO

O centro de tatuagens se localiza na região que possui o maior numero de atividades noturnas. O seu objetivo é um local que possa receber o publico alternativo, que desenvolva um maior conhecimento sobre a arte, como também promover locais de trabalho para tatuadores.

No que se trata da forma, o local se refere a uma arquitetura da idade média com madeira e tijolos e pedras. Também será empregado técnicas de paisagismo para a cobertura que será verde, conforme visto acima. Os materiais serão escolhidos

cuidadosamente e de forma proposital com a intenção de se desenvolver um espaço aconchegante.

O projeto terá a proposta de um ambiente medieval receptivo e confortável, conversando com o seu entorno; mantendo as características apropriadas para as características de uma casa Hobbit, obra fictícia de Tolkien. Ainda, manter-se-á as características necessárias para as atividades referidas. Essas características empregam o uso de uma arquitetura com formas retas e puras, na qual a estética formal do projeto constitui-se de um bloco único em forma de octógono que envolve uma sala central. Esse, também, contará com um paisagismo integrado que proporcionará benefícios térmicos e visuais para o usuário.

4.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades foi desenvolvido de forma simples e prática, visando a funcionalidade e o conforto. A divisão dos setores será pela forma de fluxo dos usuários, seguindo o fluxograma e o programa de necessidades abaixo:

- Hall- 6,62 m²;
- Recepção - 10,21m²;
- Sala de espera- 8,22 m².

O hall, se comparado ao porte da edificação, apresenta uma área significativa, sendo amplo e confortável, sem comprometer o funcionamento da grande porta redonda da entrada.

Como analisado nos correlatos acima, no Âncoras Tattoo Studio (ver Figura 04) o primeiro ambiente logo após a entrada de um estúdio deve ser a recepção, pois trata-se das boas-vindas aos visitantes.

Seguindo ainda os correlatos abordados sobre o funcionamento de um estúdio de tatuagem, a sala de espera deve ser o próximo ambiente. Esse local é onde os visitantes devem se aconchegar em um ambiente calmo e bem iluminado, pois acima está posicionada, estrategicamente, uma claraboia central, a mesma posição que esse ambiente ocupa na planta da edificação. As paredes, que delimitam a sala de espera, não se estendem

até o teto da obra, fazendo que a iluminação e ventilação proporcionadas pela abertura zenital beneficiem todos os ambientes.

- Circulação – 11,00m²;
- Sanitários femininos e masculinos – 3,41 m²;
- Estúdios de tatuagem - 7,43 m².

A circulação acompanha a forma hexagonal da edificação, formando um corredor que pode acessar qualquer ambiente de interesse do visitante, tais como os quatro estúdios de tatuagem e banheiros, que estão distribuídos lateralmente em planta.

- DML -1,90m²

O dml está posicionado atrás da recepção para que fique de fácil acesso a funcionários.

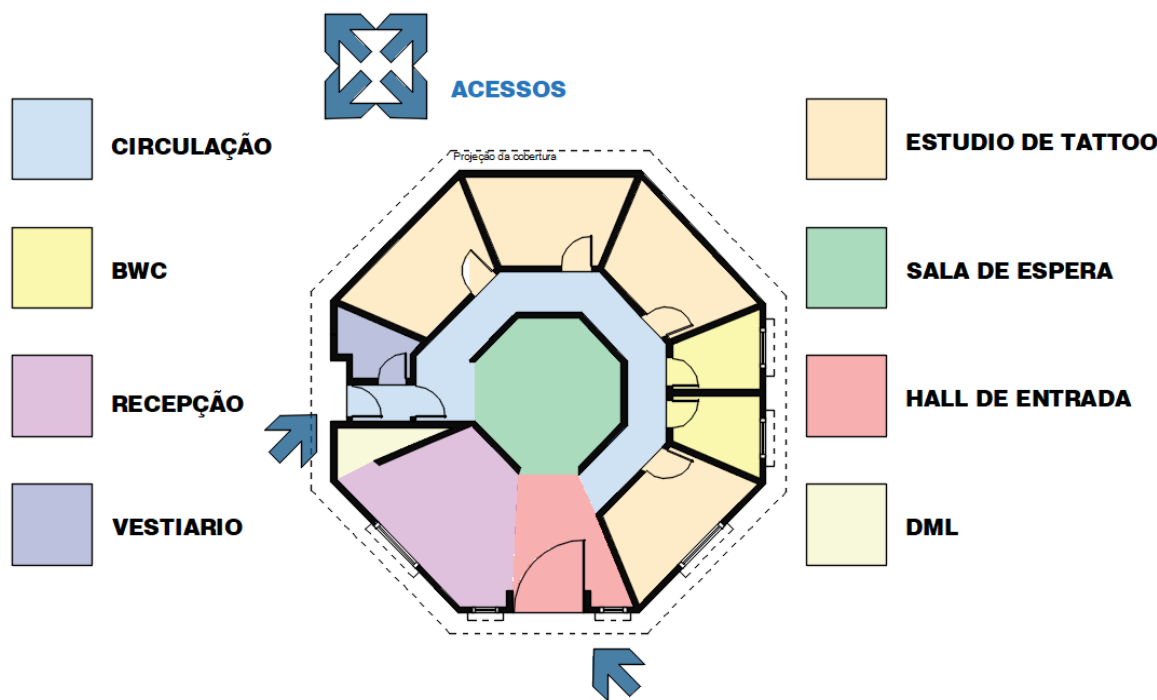
- Vestiário - 2,44 m²

Este ambiente pode ser acessado apenas por uma entrada lateral da obra, ficando assim restrito a funcionários do local, como recepcionistas e tatuadores.

4.4 SETORIZAÇÃO

A seguir, (Figura 12) a setorização proposta, visualizando a organização dos espaços.

Figura 12 – SETORIZAÇÃO



Fonte: Autor, 2018

CONSIDERAÇÕES

O projeto do Centro de tatuagens foi estudado com o intuito de afinar a sua viabilidade. A cidade de Cascavel-PR foi o local escolhido para esta obra. No transcorrer da pesquisa foram recolhidos dados de grande valia e informações benéficas à temática que acrescentam ao projeto.

A análise bibliográfica foi de extrema importância, os autores abordados foram aqueles que se demonstraram com maior valia no enriquecimento do trabalho, contribuindo de forma útil no desenvolvimento esperado – que visa um ambiente cultural e espaços que atendam a todos os pré-requisitos exigidos pelas normas brasileiras para o procedimento de tatuagens.

O projeto foi desenvolvido com uma linguagem arquitetônica peculiar, tendo em vista resgatar aspectos construtivos de uma obra de ficção, mas que a mesma gerou inspiração para várias réplicas no globo terrestre e, seja qual for o uso empregado, atrai olhares de uma legião de pessoas.

O paisagismo, antes de tudo, é fator de extrema relevância quando abordamos esse tipo de projeto, aqui foram abordadas técnicas a serem empregadas – tais como os telhados verdes e noções de grande valia no que desrespeito a sustentabilidade e fatores de conforto térmico e lumínico, uma vez que o partido arquitetônico trata a edificação como tendo um papel secundário na composição visual da obra.

Por fim, o projeto viabiliza que tatuadores tenham a oportunidade de sair da profissão clandestina, podendo, de tal modo, trabalhar dentro das normas exigidas pela vigilância sanitária, evitando que essa arte milenar caia em esquecimento.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, Claudio; DAVIDSON, Forbes. **Densidade urbana: Um instrumento de planejamento e gestão urbana**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Referência técnica para o funcionamento dos serviços de tatuagem**. Brasília, 2009.
- ARAÚJO, M. A., **A moderna construção sustentável**. Disponível em: <<http://www.idhea.com.br/artigos1.asp>>. Acesso em: 12/05/2016
- ARCHDAILY, Academia de Ciências da Califórnia/ Renzo Piano 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-50160/academia-de-ciencias-da-california-renzo-piano/>>. Acesso em: 31 Maio. 2018.
- AZEVEDO, Maria, **Cidade e natureza proteção dos mananciais e exclusão social**. Lis, São Paulo, 200.
- BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. 3ed. São Paulo, 2010
- BRAGA, B. **Introdução à Engenharia Ambiental**. 2ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- COLIN, Silvio. **Introdução à Arquitetura**. 7ª edição. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.
- CORBRLLA, Oscar YANNAS, Simons. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos**. Rio de janeiro, Reven,2003.
- CORBUSIER., Le. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- DIAS, Solange Smolarek. **Apostila de História da Arquitetura I**. Cascavel, 2005.
- DOYLE, Michael. E. **Desenho a cores**, 2ª edição. Porto Alegre: Bookman,2002
- ENGEL, Heino. **Sistemas de Estruturais**. Gustavo Gili, 2001.
- FARAH, Ivete. SCHLEE, Mônica Bahia. TARDIN, Raquel. **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.
- FERNANDES, André Luiz. SUSTENTABILIDADE DAS CONSTRUÇÕES. Monografia apresentada ao curso de especialização de construção civil da Universidade Federal de minas Gerais (2009).

FUENTES, Manuel, THOMAS, Stephanie, **Ecohouse-A casa ambientalmente sustentável**, São Paulo, Bookman, 2000, 3ª edição

FONTES, M. - **Arquitetura Vivenciada** - São Paulo, 2002

GURGEL, M. - **Projetando Espaços** - São Paulo, 2005.

HERTZ John B **Eco Técnicas em arquitetura, como projetar nos trópicos úmidos do Brasil**, cidade :Pioneira,1998,1ª edição.

JOURDA-H, **Pequeno manual da arquitetura sustentável**-São Paulo,2ª Ed. São Paulo,2012.

LAM, William M.C. Sunlighting : **As formgiver for architecture**. New York : Van Nostrand Reinhold, 1986.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LAMBERTS, Roberto. **Eficiência energética na arquitetura**/Roberto Lamberts, Luciano Dutra/Fernando Oscar Ruttkay Pereira. 2ª edição, revisada. São Paulo: ProLivros, 2004.

LIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgard Blucher, 2002.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Record, 2011.

LYNCH, Kevin, 1918 - **A imagem da cidade** / Kevin Lynch; tradução Jefferson Luiz Camargo. Editora Martins Fontes, São Paulo. 1997.

MARTINEZ, A. C. **Ensaio sobre o Projeto** - Brasília, 2000.

NEUFERT, Ernst. **Arte de Projetar em Arquitetura**. Gustavo Gili, 2004.

OLGYAY, Victor; **Arquitectura y Clima; Manual de diseño bioclimático** para arquitectos ; Barcelona, Spain, Ed. Gustavo Gili S/A/ 2006

Osmundson, T. (1999). **Roof Gardens, History, Design, Constrution**.New York: W. W. Norton and Co.

PRONSATO, S. A. D. - **Arquitetura e Paisagem: Projeto Participativo** e Criação Coletiva- ANNABLUME, 1º Edição

RIEBEIRO Fabrícia, **Tatuagem**, 2013. Disponível em: <
<http://www.megacurioso.com.br/tatuagens/37264-voce-sabe-quais-sao-as-origens-da-tatuagem-.htm> /> Acessado em: 20 de Ago. 2016

ROBBINS, Claude L. Daylighting : **Design and analysis**. New York : Van Nostrand Reinhold, 1986.

SAMADELLI, Discovery, 2015, Disponível em: <
<http://www.brasil.discovery.uol.com.br/noticias/novas-tatuagens-sao-encontradas-em-otzi-o-homem-do-gelo/> > Acessado em: 28 Ago. 2016.

SMITH, Noble, **A Sabedoria do Condado**- São Paulo: Editora Novo Conceito, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica do planejamento e a gestão urbanos. 3ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

SOUZA, Cássia Rafaela Brum. **Telhado verde e sua contribuição para a redução da temperatura ambiente em construções em cascavel**. Tese apresentada para obtenção do título de mestre da Universidade Estadual do paraná 2016.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. 5ª Edição. S  Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

WATERMAN, T. - **Fundamentos de Paisagismo** - Porto Alegre, 2010.